

«The Arab Spring is a powerful and compelling response not only to an age of tyranny but also to the remnant chains of imperial influence. The final outcome — if there ever is such a thing as a final outcome in history — of our revolutions remains unclear. We might not succeed in building a better future. But no one can question the authenticity of our desire, or how much we are prepared to sacrifice for the opportunity to gain self-determination, dignity, and justice.»

HISHAM MATAR, *The New Yorker*, 12 de Setembro, 2011

# Índice

<i>Introdução</i> .....	15
PRIMEIRA PARTE – REVOLUÇÃO E CONTRA-REVOLUÇÃO	
O Último Voo de Ben Ali.....	23
O Museu do Egípto.....	57
A Líbia em Duas Metades.....	89
À Deriva no Mar Vermelho .....	113
SEGUNDA PARTE – AS RUÍNAS DA DÉCADA	
O País Despedaçado .....	141
O Fim do Estado Petrolífero .....	171
Prisioneiro do Daesh .....	183
A Rota dos Balcãs.....	211
Os Estilhaços da Administração Trump .....	231
TERCEIRA PARTE – A NOVA VAGA DE PROTESTO	
Fotografias de Cartum .....	259
A Independência Confiscada.....	279
A Cleptocracia à Caça dos Activistas.....	303
Uma Explosão em Beirute .....	319
<i>Conclusão</i> .....	337
<i>Notas</i> .....	345
<i>Agradecimentos</i> .....	365

## Introdução

Jana Saleh via o fumo e as labaredas desde a varanda de sua casa. Quando percebeu o que estava prestes a acontecer, teve escassos segundos para se abrigar. O rebentamento de um armazém no porto de Beirute, a 4 de Agosto de 2020, foi uma das maiores explosões não-nucleares da história. Destruiu grande parte da cidade, matando mais de 200 pessoas e ferindo vários milhares.

Sucedeu pela negligência e corrupção do estado libanês, que durante anos deixou toneladas de nitrato de amónio armazenadas no porto. O incidente agravou os problemas de um país que vivia já mergulhado num marasmo económico e político.

Inconcebível pela sua magnitude, a explosão pareceu encapsular todos os problemas da região: a resiliência do autoritarismo, o militantismo religioso, a ingerência estrangeira, a corrupção, e o sectarismo. Acumulados em camadas, e durante décadas, estes sintomas concentraram-se num momento que encheu as ruas da cidade de vidros e libertou uma nuvem em forma de cogumelo que avermelhou o céu de Beirute.

A explosão deu-se no final de uma década de clivagem abrupta no Médio Oriente. Depois dos movimentos populares de revolta iniciados em 2011, a região parece ter ficado presa numa instabilidade contínua.

Várias guerras civis, golpes militares, decadência económica e política, migrações em massa. Longe de anunciar o fim desse período cáustico, a tragédia na capital libanesa parece simplesmente marcar o ponto de partida de mais uma década imprevisível.

No Médio Oriente e Norte de África, a década passada começou a 17 de Dezembro de 2010 na Tunísia. Nesse dia, Mohamed Bouazizi, um vendedor ambulante de frutas e legumes em Sidi Bouzid, despejou uma garrafa de gasolina sobre a cabeça e corpo e incendiou-se. Tinha 26 anos e acabaria por morrer semanas depois, num hospital em Ben Arous, em Tunes.

Como muitos jovens do interior do país, Mohamed Bouazizi vivia de rendimentos informais e variáveis. Repetidamente incomodado pela arbitrariedade do estado policial, ficou desesperado quando os produtos que vendia e o seu material de trabalho foram confiscados pelas autoridades locais.

Bouazizi não foi o primeiro a matar-se por desespero. Na Argélia, na Tunísia, em Marrocos, outros jovens haviam pegado fogo aos seus corpos. Mas a sua imolação transformou-se num evento catalisador.

Os protestos contra a sua morte foram reprimidos pelas forças de segurança. E as imagens dessa violência, filmadas com telemóveis, mostraram a polícia a responder com balas. A cólera espalhou-se pelas localidades vizinhas. A energia libertada em Sidi Bouzid chegou a todo o país, até ocupar as principais avenidas da capital. O presidente, Zine El Abidine Ben Ali, deixou a Tunísia após mais de duas décadas no poder.

Milhões de pessoas observaram o que acontecia em Tunes com espanto. No final de Janeiro, as ruas do Cairo e de outras cidades egípcias estavam cheias de gente a protestar contra o regime de Hosni Mubarak. Dezoito dias depois, a intransigência dos egípcios e o exército forçaram Mubarak a deixar o poder. Em Benghazi, na Líbia, um novo foco de revolta popular rebentou em seguida.

À medida que o ano de 2011 avançou, manifestações populares chegaram ao Iémen, à Síria, à Argélia, a Marrocos, à Jordânia, ao Bahrein, ao Iraque, e até à Arábia Saudita. Os homens fortes do Médio Oriente misturaram a repressão com promessas de concessões políticas. Não serviu para nada.

Por toda a região, milhões de pessoas partilhavam os mesmos lamentos e queixas. Como o nacionalismo árabe havia sido uma resposta ao colonialismo, e o islamismo uma reacção às derrotas árabes dos anos 1960 e 1970, também esta vaga regional de protesto se transformou numa corrente pan-arabista contra o autoritarismo e a iniquidade económica.

A calamidade que se seguiu ao gesto de Bouazizi foi avassaladora. Estima-se que 300 pessoas morreram e 700 outras ficaram feridas durante a revolução tunisina, ou seja: entre o momento em que Mohamed Bouazizi se imolou, a 17 de Dezembro, e a fuga do presidente Ben Ali para Jidá, a 14 de Janeiro de 2011. No Egipto, mais de 800 pessoas morreram e 6400 ficaram feridas nas três semanas que antecederam a demissão de Hosni Mubarak. Mas a violência foi crescendo durante a década seguinte. A resposta do autoritarismo foi cada vez mais agressiva. A desagregação social criou novos conflitos. Guerras na Líbia, na Síria, no Iraque e no Iémen mataram provavelmente mais de um milhão de pessoas. Outros 17 milhões foram obrigados a deixar as suas casas e tornaram-se refugiados. Muitos abandonaram os seus países, milhares morreram no Mediterrâneo a tentar chegar à Europa. A dimensão da calamidade é muitas vezes usada como argumento contra as revoltas: tudo isto para quê?

Mas é um argumento falacioso. Não foram as sublevações populares de 2011 que provocaram tamanha desolação. A grande maioria dos mortos resultou da resposta violenta do autoritarismo e da sua luta para manter o *statu quo*.

Quase tudo o que mudou desde então, mudou para pior. O Egipto transformou-se numa ditadura mais robusta. A Síria, o Iémen, e a Líbia continuam presos a conflitos armados, agravados pela intervenção estrangeira. A região ficou mais pobre. Em vários países, infra-estruturas essenciais como estradas, hospitais, portos e escolas foram destruídos, muitas cidades e aldeias transformadas em escombros.

Contudo, algo mudou na última década. A imolação de Bouazizi, e a reacção em cadeia que provocou, colocou as populações dos países do Médio Oriente, pela primeira vez, no centro das mudanças políticas e sociais.

Durante séculos, a história do Médio Oriente foi traçada através da expansão do Islão, da consolidação do Império Otomano e do

seu colapso, da colonização ocidental que redesenhou fronteiras, e do confronto ideológico entre o nacionalismo árabe e o islamismo. Pouco depois dos movimentos de independência, que criaram nações independentes a partir dos anos 1950, o autoritarismo foi derrubando governos e ocupando os estados pós-coloniais. Estabeleceram-se os regimes que viriam a fechar o século xx no mundo árabe. Em quase todos estes países, a população era um elemento extrínseco às estruturas de poder. Não havia cidadãos. Apenas pares de olhos e ouvidos para amansar com subsídios, e, sempre que necessário, força bruta.

Durante décadas, a imobilidade aparente no Médio Oriente foi mantida com um modelo específico de governo. Apoiados maioritariamente em receitas petrolíferas, e outras actividades económicas rentistas, os líderes da região desenvolveram o seu próprio acordo tácito com as suas populações. Gastavam generosamente em subsídios e suportavam sectores públicos inflacionados que proporcionavam trabalhos no estado.

A maioria da população renunciava à representatividade política em troca de estabilidade e uma vida decente. Durante décadas funcionou. Mas as disparidades entre os que viviam perto da esfera do poder e o resto da população agravaram-se. A ilusão do modelo rentista, esmagada pelo aumento das populações e pelo enfraquecimento de ideologias mobilizadoras, foi cada vez mais difícil de sustentar. Até que se desfez em euforia a partir de 2011.

Este livro começa nessa exaltação inicial. Mas é um relato do que aconteceu à região nos anos seguintes. Muito mudou na última década. A maioria dos activistas que protestaram contra os seus governantes sentem-se derrotados. Os que não emigraram continuaram a sofrer as consequências do seu activismo político: acossamento policial e judicial, liberdades reduzidas, prisão e tortura.

Mohamed Bouazizi, a figura do mártir, passou de ser venerado como um herói, a ser repudiado. Para muitos tunisinos, especialmente os que vivem no interior esquecido do país, Bouazizi ficará para a história como precursor da grande tragédia; a revolução que prometeu acabar com a injustiça, mas que afundou o país.

Porém, dez anos é pouca história. As insurreições populares de 2011 não foram um conjunto de eventos em circuito fechado que se

esgotaram em falhanço. Antes, foram a primeira de várias convulsões que afectaram o Médio Oriente nos últimos dez anos, e que continuarão a moldar a região durante as próximas décadas.

A primeira parte do livro descreve os quatro países em que a contestação social e política conseguiu inicialmente derrubar presidentes e governos a partir de 2011: a Tunísia, o Egipto, a Líbia e o Iémen. As revoltas populares deixaram as mesmas estruturas — económicas, militares, religiosas — no poder, mas alteraram a sua força relativa. A forma como estas estruturas interagiram e se adaptaram nos meses e anos seguintes determinou o futuro imediato em cada um destes países.

As mudanças que se seguiram às revoltas são relatadas na segunda parte do livro. Algumas resultaram directamente da instabilidade política desse período. A guerra na Síria, e a forma como projectou a sua desordem para toda a região, foi a principal moldura desse caos pós-revolucionário. Levou à expansão do jihadismo niilista do Estado Islâmico, ou Daesh, que, aliada à guerra do regime sírio contra a oposição, expulsou milhões de pessoas das suas casas.

Quando as praças das cidades já se tinham acalmado, com as populações em protesto retiradas das ruas pela agressividade da contra-revolução, outro evento voltou a destabilizar o poder autoritário. A queda do preço do petróleo, no Verão de 2014, foi a segunda grande crise da década. No Médio Oriente, o dinheiro do petróleo foi usado para suportar economias ineficientes, aplacar populações descontentes e influenciar estados vizinhos com menores meios. A crescente perda de importância do crude ameaça a robustez financeira destes regimes.

A eleição de Donald Trump para a presidência dos Estados Unidos em 2016 incrementou a volatilidade no Médio Oriente. A administração Trump abandonou aliados tradicionais, facilitou a reconstrução do autoritarismo, enterrou ainda mais as possibilidades de uma resolução justa para o conflito entre israelitas e palestinianos e abriu a porta à entrada de novas potências na região. Os Estados Unidos já estavam de saída do Médio Oriente quando Trump chegou à Casa Branca. Mas a sua inaptidão política, e o seu desinteresse pelos problemas na região, pioraram a vida de milhões de pessoas.

A terceira e última parte do livro descreve a vaga de contestação que emergiu a partir de 2018–2019. Como acontecera anos antes,

o optimismo misturou-se com a violência. No Sudão e na Argélia, as populações saíram contra o apodrecimento social e económico, protestando o longo domínio das elites político-militares. Iraquianos e libaneses contestaram a captura dos seus estados por oligarquias sectárias, fartos da maneira como décadas de ideologias sufocaram as possibilidades de desenvolvimento económico e social.

Por ter vivido desde pequena a impetuosidade do poder sectário e miliciano que rege o Líbano, Jana Saleh soube o que fazer para escapar à explosão no porto de Beirute.

Este livro é um relato da última década no Médio Oriente. Mas é, acima de tudo, a história dos seus sobreviventes.